

# Francis Ford Coppola dá receitas de cinema e macarrão em Cuba

por Cláudio Oliveira, de Havana

O povo cubano gosta muito de cinema. É fácil verificar isso entrando em uma sala de projeção no meio da semana: o cine Yara, por exemplo, muito popular em Havana, possui sessões ininterruptas e vive sempre lotado.

Em dezembro último, Francis Ford Coppola veio apresentar o seu *Rainmaker* e foi recebido calorosamente em Havana para o Festival Internacional del Nuevo Cine Latino Americano. Depois de conversar com Fidel Castro durante algumas horas, veio preparar para os estudantes da Escola Internacional de Cinema e Televisão um jantar que, se não tinha nada de muito especial do ponto de vista gastronômico, foi para nós, do ponto de vista humano, algo que jamais esqueceremos.

## Cinefilia em mesas de bar

Após uma breve reunião com a direção acadêmica da escola, Coppola entrou na sala “Glauber Rocha”, sem cerimônias, caminhando tranqüilo e suando um pouco, o realizador de *The Godfather* e *Apocalypse Now...* Restava a nós, estudantes, escutar. Coppola nos contou sobre seu método de trabalho, técnicas de relaxamento que costuma empregar e jogos de concentração que utiliza com seus atores. De forma bastante descontraída e improvisada, nos demonstrou alguns desses exercícios. Um deles consistia em dispor os atores em círculo e fazer-los imaginar que havia uma bola nas mãos de um deles. O ator passá-la a outro, dizendo algo ou emitindo algum som de forma que aquele que a recebesse reproduzisse o som ou palavra pronunciada, passando a bola a um terceiro e assim por diante. Citou também

alguns artifícios específicos que empregou em alguns de seus filmes, aproveitando uma outra peculiaridade de seu *casting*. Em *The Godfather*, por exemplo, lançou mão do respeito e admiração prévios que todos tinham por Marlon Brando como ator para criar o respeito e admiração que todos deveriam ter mais tarde por Don Vito Corleone. Era fácil: nos ensaios com os atores, Coppola procurava criar uma atmosfera familiar, preocupando-se muito com detalhes do tipo sentar Al Pacino, Robert Duvall e outros em torno de uma mesa para almoçar, entre um período e outro de trabalho, de tal forma que Marlon Brando ocupasse sempre um dos dois lugares principais, como um pai.



o produtor executivo Lucas e o diretor Coppola editando *Tucker*

Nesse filme, a câmara posicionada normalmente a 4,5 pés de altura, com lente 40mm e os enquadramentos fixos, somados a um esquema clássico de decupagem, intensificavam a força das imagens. Coppola nos falou também sobre sua família, sobre sua fábrica de vinho e seu início de carreira como estudante de cinema na Universidade da Califórnia – período que, segundo ele, dava mais importância ao bate papo sobre cinema nas mesas dos bares do que às aulas propria-

mente ditas. Lembrou a amizade com George Lucas e seu posterior afastamento do diretor de *Guerra nas Estrelas*. Falou ainda de sua disposição para o trabalho, do fato de ainda hoje acordar bem cedo para escrever, e, finalmente, de seu estilo pessoal de dirigir alternadamente um filme comercial para os grandes estúdios e um filme seu, com dinheiro do próprio bolso, como no caso de *Apocalypse Now*, quando hipotecou sua casa. Diz estar, agora, renunciando a tudo isso, e querer terminar definitivamente sua relação com as grandes companhias cinematográficas dirigindo um musical, para depois se dedicar ao que chama de “pequenos projetos.”

## Por um novo cinema latino-americano

Coppola esteve aqui em 1989 pela primeira vez e escreveu em uma das paredes da sala em que me encontro agora que a arte nunca dorme, como uma espécie de exigência moral clara e irredutível à qual, me parece, tratou de manter-se fiel contra vento e maré. Seu retorno à Escola dos Três Mundos nos fez sentir, e isso é o mais importante, que ainda acredita, como muitos de nós, na possibilidade de ressurgimento de um novo cinema, tentando novamente a descolonização, somente que desta vez levada a cabo até suas últimas consequências. No domingo à noite esperávamos famintos o macarrão que Coppola preparava na cozinha. Confesso que era curioso vê-lo ali entre panelas e gente dançando, entre uma taça e outra de vinho, um ser humano normal assim como eu e você, apenas com um pouco mais de disposição.